



## Resenha

# Realismo fenomenológico e irreducibilidade da pessoa à corporeidade

## Phenomenological realism and irreducibility of the person to corporeality

Rosalia Caruso

Università degli Studi di Palermo  
Itália

Ales Bello, A. (2013). *Il senso delle cose: per un realismo fenomenologico*. Roma: Castelvecchi.

Participando ativamente do debate filosófico contemporâneo<sup>1</sup> – caracterizado por renovado interesse para com o realismo – Angela Ales Bello, através de seu recente livro “*Il senso delle cose: per un realismo fenomenologico*” (O sentido das coisas: por um realismo fenomenológico)<sup>2</sup> oferece uma sábia guia de orientação na histórica controvérsia entre idealismo e realismo – questão levantada nos primeiros decênios do século XX pelos discípulos de Husserl, dentre as mais discutidas na filosofia contemporânea, e que ainda hoje continua a nos interrogar – além de apresentar uma original interpretação do chamado *idealismo transcendental* de matriz husserliana<sup>3</sup>.

Analisando detalhadamente textos husserlianos – alguns desconhecidos do público – a autora mostra a possibilidade de tomar o idealismo husserliano como *realismo fenomenológico*. Trata-se de um percurso de clarificação constante no qual a autora reconstrói a gênese do pensamento husserliano, a importância da virada fenomenológica e, ao mesmo tempo, chega a identificar os limites filosóficos<sup>4</sup> que descendem do absolutismo do realismo ingênuo – realismo este às vezes invocado como solução para remediar um idealismo acrítico.

Ales Bello mitiga sabiamente aquela contraposição entre idealismo e realismo, na convicção – bem husserliana – de que sujeito e objeto devam ser entendidos não somente “como momentos iniciais da reflexão filosófica, mas como lugares de descoberta da verdade”

<sup>1</sup> Tradução de Miguel Mahfoud do texto inédito em italiano.

<sup>2</sup> Cf. também a contribuição de Ales Bello na coletânea De Caro & Ferraris, 2012.

<sup>3</sup> Em 1913, o primeiro volume de *Ideias* (Husserl, 1913/2002a) – apresentado como uma espécie de manifesto da fenomenologia – inaugurava o *Anuário de filosofia e pesquisa fenomenológica*, fundado por Husserl, para reunir as contribuições provenientes da escola de fenomenologia. Curiosamente, porém, *Ideias* acendeu muitas discussões entre os fenomenólogos quanto a um eventual idealismo do pensamento husserliano.

<sup>4</sup> Em particular, a redução do ser humano à esfera da corporeidade que – componente essencial do ser humano – não é a única que o caracteriza. “As ciências consolidadas em ambiente positivista, como a fisiologia, a anatomia, que constituíram a base das pesquisas capilares posteriores como as neurociências tão presentes e tão discutidas nos nossos dias (...) aparentemente ligadas aos simples fatos desenbocam no absolutismo desse tipo de pesquisa, frequentemente confirmada filosoficamente, se prestam a uma possibilidade de reducionismo do ser humano a mero ser físico, excluindo dele as implicações ontológicas e metafísicas” (Ales Bello, 2013, p. 89). Para acompanhar as detalhadas análises que a autora conduz sobre a esfera hiletica até aportar na antropologia na metafísica, cf. Ales Bello, 2013, pp. 75-105.



(Ales Bello, 2013, p. 108), por sua vez considerada como êxito de uma necessária interdependência que nunca pacifica definitivamente os opostos. Tal interdependência se mostra de modo paradigmático no processo da consciência humana, reexaminado por Husserl à luz do *immer wieder*, instaurando uma unidade-indistinção entre sujeito e objeto, todavia não entendidos como dados pré-existentes um ao outro mas como elementos que se relacionam intrínseca e originariamente no tríplice dinamismo de remover, conservar e elevar (segundo a peculiar visão de *Aufhebung*<sup>5</sup>). Em suma, “trata-se de colher o sentido de tal correlação, compreender sua gênese, e não de mover-se desde correlações já constituídas” (Ales Bello, 2013, p. 124).

Portanto, deslocando o eixo da questão do terreno metafísico-substancial para o gnosiológico-processual, a autora indaga com riqueza de referências textuais o nó husserliano da relação entre idealismo e realismo, percorrendo a antiga e sempre atual pergunta sobre limites e possibilidades do conhecimento humano. Tal temática (essencialmente proposta por Descartes no *Discurso sobre o método* e retomada por Kant na *Crítica da razão pura*), ainda que tenha sido colocada com clareza somente a partir da Idade Moderna<sup>6</sup>, parece atravessar a inteira história do pensamento filosófico e requer, por isso, um retorno à sua origem. Por essa razão, Ales Bello retoma também as investigações de Heráclito de Éfeso e as de Parmênides de Eleia que, embora pareçam dialogar “desde duas distantes orlas do mar”, estão unidos pelo comum intento de sondar as possibilidades cognoscitivas dos seres humanos. Segundo a autora, o que os associaria – superando as suas diferenças na interpretação metafísica – é o fato de que em ambos a verdade parece ser *uma experiência do sujeito humano*. E é justamente a partir da centralidade designada ao sujeito no âmbito do processo cognoscitivo – sujeito que é a um só tempo protagonista e objeto de conhecimento – que a contraposição entre idealismo e realismo tomou corpo, permanecendo nó impossível de ser desatado se examinado em termos de prevalência de um ou de outro.

Com relação a esta *quaestio*, aparentemente não resolvida, as análises fenomenológicas de Husserl representariam uma espécie de *Wegweiser* (literalmente *indicador, sinal, cartaz indicativo*) capaz de romper o mito da unidade de um sujeito cognoscente – que na sua isolada singularidade emerge como incapaz de oferecer um saber universal sobre o “mundo objetivo em si” –, em direção de um novo caminho de investigação: na atemporal comunidade de busca universal (Ales Bello, 2003)<sup>7</sup> temos o lugar da experiência da verdade.

<sup>5</sup> *Aufhebung* é termo de difícil tradução. Segundo L. Lugarini: “A. é uma palavra dificilmente traduzível para o italiano com um só termo” porque ela “contém pelo menos três elementos lexicais: cortar, conservar e elevar”. Cfr. <http://robertoleggero.blogspot.it/2006/12/una-parola-della-filosofia.html>.

<sup>6</sup> “A questão gnosiológica que implica a indagação sobre a subjetividade humana está sempre presente, desde o nascimento da filosofia e não é somente uma bizarra tomada de posição da Idade Moderna. O que acontece na Idade Moderna é a radicalização de tal pergunta, tornando-se preliminar e ineludível: é necessário responder a ela antes de indagar sobre o real” (Ales Bello, 2013, p. 110).

<sup>7</sup> O projeto husserliano se realizou historicamente não somente em Göttingen e Friburgo, mas também, sem seguida, através da contribuição de Stein. Cf. Stein, 2001: Cartas 82, 83, 94, 96, 97, 100, 101, 104, 106, 107, 111, 113, 123, 131, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 162. Cf. também Feldes, 2010.



O novo livro de Ales Bello (2013) tem seis capítulos, dos quais os primeiros quatro formam a *parte preliminar* ou *histórico-crítica* e os últimos dois a *parte criativa* ou *positiva*. Enquanto nos primeiros capítulos a autora fornece uma fiel reconstrução filológica e historiográfica dos principais textos husserlianos e uma guia precisa para compreender adequadamente seu sentido teórico, nos últimos dois capítulos ela oferece com originalidade e clareza expositiva a sua pessoal visão do método fenomenológico, tomado como *realismo fenomenológico*, capaz de desvelar de modo científico e rigoroso o *sentido das coisas*.

Valiosa, a primeira parte do livro possibilita ao leitor familiarizar-se com o complexo estilo de investigação de Husserl, através de uma detalhada análise que lhe permite orientar-se naquela espécie de *delírio analítico* que caracteriza o andamento expositivo do fenomenólogo, oferecendo no final uma *sistematização orgânica* dos resultados<sup>8</sup>.

A autora desenvolve a investigação reconstruindo o caminho percorrido pela fenomenologia clássica desde os primeiros textos com que seu fundador determinou seu nascimento ao delinear o método fundamentado na *epoché* aplicada a *atitude natural*, inspirando-se em Descartes, mas ao mesmo tempo tomando distâncias quanto à extensão que a dúvida universal assumiria no pensamento cartesiano (O próprio Husserl explicita a distinção entre sua proposta e a de Descartes em *Ideias I*). Ainda que Descartes tenha o mérito de focar a subjetividade, ele não se mostrou – segundo Husserl – capaz de “apreender o seu *sentido transcendental*” (Ales Bello, 2013, p. 35). O próprio Kant – considerado incentivo filosófico que conduz Husserl distinguir eu psicológico de eu transcendental – fora duramente criticado na conferência *Kant e a ideia da filosofia transcendental*, de 1924, pela “falta de interesse em desenvolver um estudo concretamente intuitivo das funções da consciência, de suas sínteses ativas e passivas” (Ales Bello, 2003, pp. 31-32). Husserl, pelo contrário, inicia suas investigações incluindo a fase anterior à vivência de que temos consciência (Husserl, 1998). Assim, mesmo inserido no longo processo histórico-crítico, o pensamento de Husserl constituiria uma “virada fundamental” no delineamento do transcendental, já que, de um lado, está marcado pela “precedência da noética sobre a lógica”, e de outro, pela “necessidade de uma investigação transcendental das essências da vida” (Ales Bello, 2003, p. 32)<sup>9</sup>.

---

<sup>8</sup> “Para compreender aquele percurso pode-se utilizar a imagem de dois movimentos descritos por duas trajetórias: uma vai de baixo para cima e vice-versa, outra que se move desde um ponto central e se abre em raios”. (Ales Bello, 2013, p. 29). É mérito de Ales Bello recuperar muitas obras de Husserl que são desconhecidas, incompletas ou que permanecem como simples material para a preparação das *Vorlesungen*. Para um aprofundamento sobre o legado husserliano cf. Costa, 2009.

<sup>9</sup> “O problema colocado por Husserl se refere ao modo de conhecimento mais do que à questão da existência; (...) desde *Filosofia da aritmética* (de 1891) (...) o interesse de Husserl se voltou a compreender se nosso conhecimento tem valor psicológico ou lógico. (...) O objetivo da fenomenologia não é interessar-se pelo que é objetivo, mas analisar como o objetivo aparece à consciência. (...) O transcendental husserliano se distingue do kantiano por não se referir às condições a priori do conhecimento empírico mas, dada a dimensão empírica, trata-se de analisar o modo de um certo conteúdo se manifestar na experiência” (Ales Bello, 2003, pp. 24-26).



Nesta virada decisiva estariam as profundas solicitações que Husserl recebera de Leibniz e Hume (ainda que eles não tenham se ocupado diretamente da temática). O primeiro teria ajudado Husserl a compreender a relação entre as mônadas, levando-o, depois, a compreender que “tem-se acesso ao ser do outro através do *medium* da vivência e neste sentido estamos na dimensão transcendental” (Ales Bello, 2003, p. 33); o segundo, ao invés, lhe mostrou o condicionamento que o primado das ciências físico-matemáticas teriam impresso à filosofia racionalista; condicionamento a respeito do qual nem mesmo Descartes fica imune, “cedendo à admiração pelas ciências matemáticas da natureza” (p. 33). Todavia, para compreender profundamente o significado que a dimensão transcendental tem no pensamento filosófico husserliano é necessário, no parecer da autora, atentar para o papel que Husserl atribui ao ego absoluto, concebido como “centro funcional último de toda constituição” (Husserl, 2002b, p. 213). A propósito, a autora analisa acuradamente o alcance e o sentido que as duas reduções assumem na especulação filosófica husserliana, referindo-se particularmente a *Ideias I* e *Crise das ciências europeias* concluindo que colocar o óbvio e o fato (inclusive a existência factual) entre parêntesis é o *instrumento* através do qual Husserl identifica o *solo* a ser investigado, *solo* este

formado pelo eu, pela consciência e pelas *Erlebnisse*; mas “manter firmemente o olhar dirigido à consciência e ao eu” – na expressão de Husserl no § 33 de *Ideias II* – não significa esquecer que eles são a via adequada para justificar como a realidade se apresenta e se constitui. O objetivo é compreender como a natureza e os seres humanos são feitos, quais relacionamentos se estabelecem entre eles e com a natureza mesma. A resposta se encontra no segundo volume de *Ideias*. (Ales Bello, 2003, p. 36)<sup>10</sup>.

Todavia, quem se interroga sobre a realidade é – a um só tempo – sujeito *para* o mundo e objeto *no* mundo. Deve, portanto, compreender a si mesmo como quem faz a pergunta mesma. Essas passagens, essenciais para compreender a virada do idealismo fenomenológico em realismo transcendental, são analisadas por Ales Bello com extremo cuidado e introduzem gradualmente o leitor nos meandros da obra husserliana. Passando pelas principais referências conceituais do próprio Husserl e contextualizando também os principais alvos polêmicos contra os quais se voltavam algumas de suas críticas, a autora se move habilmente entre numerosos e complexos escritos husserlianos acompanhando-os em sua gênese e desenvolvimento: desde as investigações husserlianas de caráter nitidamente lógico (Husserl, 2001)<sup>11</sup> até chegar às de natureza ontológica, passando pelas investigações antropológicas, éticas e metafísicas. Ales Bello tem o mérito indubitável de mostrar a riqueza

<sup>10</sup> Sobre a conexão entre os dois volumes, cf. Ales Bello, 2013, p. 41.

<sup>11</sup> Foi o impacto promovido pelo retorno às *coisas mesmas*, desejado por Husserl em *Investigações lógicas*, que chamou a atenção de diversos pesquisadores em Göttingen, atraídos pela força revolucionária dos princípios basilares do *novo modelo*.



poliédrica das explorações husserlianas que vão desde as análises da subjetividade em si e da intersubjetividade até a investigação sobre a realidade na pluralidade de suas manifestações.

Nesse itinerário de investigação, a autora tem a atenção de esclarecer o sentido que certos conceitos derivados da tradição filosófica clássica e moderna assume no pensamento husserliano, a fim de evitar possíveis equívocos que se colocam como obstáculo à compreensão<sup>12</sup>.

Conduzindo o leitor ao coração do complexo sistema filosófico husserliano, a autora apresenta, então, no compêndio final da obra, os principais resultados de sua investigação. Antes de mais nada, esclarece a relação entre idealismo e realismo *tout court* que atravessa a história da filosofia, descartando tanto o idealismo acrítico quanto o realismo ingênuo, na convicção de que somente dentro de um processo cognoscitivo unitário seja possível articular a autêntica separação entre sujeito e objeto. Para encerrar, a autora aporta à orla de um saber metafísico, lugar em que “o sentido das coisas” (*Erkenntnistheorie*), ou melhor, o modo possível de abordarmos o sentido das coisas, não é dado mas conquistado com fadiga<sup>13</sup>.

Ales Bello nos convida, então, a reler Husserl com novos olhos, apontando de modo original algumas páginas da fenomenologia husserliana que requerem uma análise em todo seu potencial teórico<sup>14</sup>. Mérito último – mas certamente não o menos importante – daquele trabalho é a capacidade de levar a atenção do leitor contemporâneo à necessidade de repensar os limites do realismo ingênuo, que se tornou um paradigma do pensamento tão penetrante quanto pernicioso. A separação do sujeito de seu fundamento último insita a esse paradigma teórico, o reduz a um constructo social e também enfraquece o sentido da pessoa na sua complexidade estrutural. Esta complexidade – bem evidenciada por Husserl quando analisa o ser humano em todas as suas potencialidades, não o reduzindo a alguma de suas dimensões e acentuando sua natureza relacional<sup>15</sup> – é reiterada por Ales Bello. Da análise das vivências e de suas operações Husserl chega a delinear, de fato, uma antropologia filosófica que constitui a base para aprofundamentos posteriores<sup>16</sup>, configurando a pessoa humana em seu ser como *unidade na multiplicidade*, identificando e

---

<sup>12</sup> É emblemático, neste sentido, que toda a obra é marcada pela atenção em precisar a terminologia e a semântica utilizada pela fenomenologia. Considere-se, particularmente, as clarificações sobre hiletica husserliana – ainda pouco conhecidas – voltadas a mostrar, por um lado, as linhas de continuidade que o sistema filosófico husserliano tem com a tradição filosófica precedente e, por outro, os pontos de virada que o novo tipo de materialidade proposto por Husserl representa, formando aberturas para pesquisas posteriores.

<sup>13</sup> É apresentada a antiga e não solucionada questão filosófica do uno e dos muitos, da unidade que contém em si a multiplicidade, que desde sempre tem sido objeto de interesse na história da filosofia. Cf. Ales Bello, 2013, p. 156.

<sup>14</sup> Resultado pouco conhecido das análises husserlianas que Ales Bello se dedica a sublinhou bastante é que a “facticidade originária” remete a Deus como seu fundamento. “O problema metafísico é resolvido através do gnosiológico, mas mantém sua autonomia” (Ales Bello, 2013, pp. 104-105). Cf. também Ales Bello, 2009.

<sup>15</sup> Segundo Costa (2009), no pensamento husserliano “a subjetividade transcendental em que se constitui todo ser e todo sentido não é subjetividade individual, mas a *intersubjetividade transcendental*” (p. 115).

<sup>16</sup> É emblemático, neste sentido, as análises steinianas sobre a inter-relação entre causalidade e motivação (Stein, 1996).



clarificando as múltiplas dimensões: a esfera da corporeidade física, a esfera psíquica e a espiritual (*Körper, Leib, Geist*), as intersecções entre elas e – ao mesmo tempo – o todo único (Ales Bello, 2013). Dali emerge um ser humano analisado em todas as suas dimensões. Compreende-se, então, em que medida a fenomenologia – nascida como “ciência apriorística, eidética (...) que assegura a legitimidade um conhecimento essencial contra o naturalismo e o psicologismo” (Ales Bello, 2003, p. 18) – chega a constituir uma guia indispensável para compreender a pessoa; já que o realismo fenomenológico se coloca como garantia de irreducibilidade do ser humano à simples corporeidade física por representar somente uma de suas componentes.

Neste sentido, a crítica de Husserl às ciências – acusadas de terem perdido de vista o significado que elas podem ter para a humanidade – permanece um tema inesgotável e de profunda atualidade. O que está em discussão não é tanto o valor dos conhecimentos específicos conquistados pelas ciências singulares, mas a redução da ideia da ciência a mera “ciência dos fatos”, prescindindo do sujeito que investiga cientificamente. Essa crítica vale também para as ciências humanas (*Geisteswissenschaften*): em nome da objetividade científica, também elas excluíram os problemas de sentido da existência e do mundo em geral, acabando por se alienar dos homens. Na medida em que o filosofar humano não tem um *telos* puramente privado nem limitado a um escopo cultural, os filósofos têm, segundo Husserl, a tarefa ética de preservar o significado autêntico da ideia de humanidade, libertando-a de sua profunda crise. Neste sentido, “somos – no nosso filosofar – funcionários da humanidade” (Husserl, 2002b, p. 99).

## Referências

- Ales Bello, A. (2003). *L'universo nella coscienza: introduzione alla fenomenologia di Edmund Husserl, Edith Stein, Hedwig Conrad-Martius*. Pisa, Itália: ETS.
- Ales Bello, A. (2009). *The divine in Husserl and other explorations*. Dordrecht, Holanda: Springer. (Analecta Husserliana, XCVIII).
- Ales Bello, A. (2013). *Il senso delle cose: per un realismo fenomenologico*. Roma: Castelvecchi.
- Costa, V. (2009). *Husserl*. Roma: Carocci.
- De Caro, M. & Ferraris, M. (Org.s). (2012). *Bentornata realtà: il nuovo realismo in discussione*. Milano: Einaudi.
- Feldes, J. (2010). Il rifugio dei fenomenologi: il nuovo “circolo di Bergzabern” dopo la prima guerra mondiale. Em A. Ales Bello, F. Afieri & M. Shahid (Org.s). *Edith Stein, Hedwig Conrad-Martius: fenomenologia, metafisica, scienze* (pp. 23-50) Bari, Itália: Giuseppe Laterza.



- Husserl, E. (1998). *Lezioni sulla sintesi passiva* (P. Spinicci, Trad). Milano: Guerini. (Publicação póstuma em 1966).
- Husserl, E. (2001). *Ricerche logiche*. (G. Piana, Trad.). Milano: Il Saggiatore. (Original publicado em 1901).
- Husserl, E. (2002a). *Idee per una fenomenologia pura e per una filosofia fenomenologica; v.I* (V. Costa, Ed.; E. Filippini, Trad.). Torino, Itália: Einaudi. (Original publicado em 1913).
- Husserl, E. (2002b). *La crisi delle scienze europee e la fenomenologia trascendentale* (E. Paci, Ed.; E. Filippini, Trad.). Milano: Net. (Publicação póstuma em 1954).
- Stein, E. (1996). *Psicologia e scienze dello spirito: contributi per una fondazione filosofica* (A. M. Pezzella, Trad.). Roma: Città Nuova. (Original publicado em 1922).
- Stein, E. (2001). *Lettere a Roman Ingarden: 1917-1938* (E. Costantini & E. S. Costantini, Trad.s) Città del Vaticano: Vaticana. (Publicação póstuma em 1991).

#### **Nota sobre a autora**

*Rosalia Caruso* é Doutora em Filosofia pela Università degli Studi di Palermo, Itália, e *Doctor Europæus* pela Technische Universität Dresden, Alemanha. E-mail: santippecaruso@yahoo.it

Data de recebimento: 18/03/2014

Data de aceite: 01/04/2014